CASA GRANDE E SENZALA: FORMAÇÃO DA FAMÍLIA BRASILEIRA SOB O REGIME DA ECONOMIA PATRIARCAL

ELIANE RUAS

Resumo

O presente artigo tem como objetivo a análise antropológica crítica de parte do livro Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal do sociólogo Gilberto Freyre. Traçando a formação da identidade do homem brasileiro: com suas marcas históricas e culturais das gerações, dos que contribuíram étnica e culturalmente para que o Brasil tivesse seu próprio povo com todas suas peculiaridades. Enfatiza o enfoque que Freire deu aos excluídos da sociedade colonial no intuito de esclarecer as nossas origens. Desconstruindo mitos através da obra de Gilberto Freyre. Os capítulos iniciais do livro são dedicados aos primeiros habitantes do Brasil, os índios, a chegada dos portugueses e posteriormente dos africanos. Estes dois primeiros capítulos procuraram mostrar a influência que os indígenas, os negros e os portugueses exerceram sobre nossa cultura. Analisa a relação que se estabeleceu entre eles, os estereótipos criados em relação à cor da pele negra, o mito do índio preguiçoso e o negro forte e habituado ao trabalho, a união de portugueses com as índias e as negras, a predisposição dos portugueses a adaptar-se ao trópico, a "civilização" dos índios, a evangelização da Igreja e a soma do sistema escravocrata com o sistema missionário. Os três povos em questão caracterizam hoje o povo brasileiro e todos de alguma forma contribuíram para a diversidade cultural, étnica e religiosa brasileira. Gilberto Freyre buscou mostrar, por meio da riqueza de detalhes, como se deu a relação entre esses povos, desmistificando a ideia cultivada em muitos livros de que foi uma convivência harmoniosa, quando na verdade foi marcada por conflitos e exploração. O objetivo deste trabalho é justamente desconstruir mitos e identificar as contribuições desses povos na construção da identidade do brasileiro e o autor corroborou conosco apresentando uma realidade pouco conhecida sob a ótica dos diversos sujeitos desse contexto.

Palavras-chave: Casa-Grande e Senzala. Indígenas. Negros. Portugueses. Povo brasileiro.

INTRODUÇÃO

Procuraremos destacar o enfoque que Freyre deu para os mais excluídos dessa sociedade colonial que foram as mulheres, tanto as senhoras de engenho quanto as negras e indígenas, e os índios. Mostrando a importância das três culturas, pois convivemos e presenciamos diariamente diversas situações de preconceito, uma sociedade predominantemente patriarcal, machista e preconceituosa, por isso é importante tudo que venha esclarecer sobre as nossas origens, os hábitos e costumes de nossos primeiros ancestrais, até mesmo para compreender como surgiram e evitar que se propaguem atitudes discriminatórias e se cultive somente aquilo que for para o bem comum. Nosso objetivo com este trabalho é desconstruir mitos, identificando a influência desses povos na construção da identidade do brasileiro e as consequências que se deram a partir desse processo marcado por antagonismos e pelo hibridismo. A relevância deste trabalho está justamente em Compreender como se deu a formação da identidade do Homem brasileiro, partindo da análise de uma das obras mais importantes de Gilberto Freire, análise crítica realizada permitiu a compreensão de como relacionavam-se três etnias totalmente diferenciadas colocadas em um mesmo espaço físico, convivendo e formando boa parte do que trazemos de herança genética e cultural, não podemos deixar de nos conhecer como povo, e de continuar a transmitir aos que aqui estão e aqueles que ainda virão para que não nos percamos no meio globalizado e homogêneo em que nos encontramos. A metodologia baseou-se em uma pesquisa bibliográfica que nos permitiu as bases teóricas necessárias a análise da referida obra.

O LIVRO E O AUTOR

Na conhecida Obra Casa Grande e Senzala, Gilberto Freyre analisa a forma como a América foi colonizada. Falar sobre a origem do povo brasileiro, sua cultura, sua formação social, étnica e econômica faz-se necessário voltar ao passado, compreender como se deram a mistura de três raças branca, negra e índio, como conviviam e de que forma houve essa miscigenação. Foi desejando conhecer e estudar nossas origens e saber quem é o povo brasileiro que Gilberto Freyre, escreveu seu livro intitulado Casa- grande e Senzala, não por se tratar de um espaço físico no qual tínhamos a presença do homem branco como senhor, mas sim por ser um espaço, um território no qual tivemos a presença do homem branco, do negro e do índio traçando relações sociais e culturais, essas três etnias formaram nossa sociedade, misturandose e deixando bem fortes as marcas de miscigenação em nosso País.

Publicado em 1933, o livro Casa-grande e Senzala com o seu conteúdo literário e social trouxe um ar de revolução para a época, devido ao fato de buscar nos diários dos senhores de engenho e nos nossos antepassados quem somos, e procurar responder quem é o povo brasileiro hoje, que marcas trazemos, e se realmente nos conhecemos.

Através do exílio sofrido Freyre, este teve uma oportunidade mais ampla para descobrir as origens de sua nação, passou pela Bahia, Portugal, África e Estados Unidos da América onde no Sul dos Estados Unidos da América foi professor visitante na universidade de Stanford, pode constatar a similaridade do mesmo regime patriarcal que tínhamos no Brasil, já na Bahia teve um contato mais direto com nossas origens.

O autor trabalha de forma diferenciada o que é raça e cultura, graças a Frans Boas que ajuda a Freyre a fazer esta distinção, e é nesse critério que desenrolará o seu livro, aquilo que é herdado geneticamente e o que é vindo das influências sociais, sendo ambas fatores de diferenciação, temos também o fator econômico, tendo o homem branco o poder econômico através da monocultura latifundiária com a produção de café e açúcar sendo predominantes na economia nacional, dando ao senhor de engenho poder sobre as outras etnias, por serem advindos de portugueses consideravam-se raça superior, de início tinha o índio como escravo, porém este sofreu o choque do imperialismo português com o comunismo indígena, o índio não se adaptou aos moldes escravista, levando a inúmeras fugas e conflitos, daí termos hoje a cultura de muitos considerarem o índio preguiçoso. Para suprir tal necessidade de mão de obra buscou-se na África o negro que a partir de então, terá um papel de suma importância para nossa formação brasileira.

Ao explorar as formas que o colonizador utiliza para se apropriar da terra, o autor cria algumas polêmicas. Por exemplo: "Alguns críticos acusavam Freyre de não ter retratado com fidelidade a relação entre negros e brancos, entre dominadores e dominados". Por causa disso, o escritor não teria registrado de forma fiel a escravidão que existiu durante o Brasil Colônia. Entretanto mesmo sendo às vezes mal interpretado por falar do olhar do colonizador e por ser romântico, outrora fala também do olhar dos colonizados daí o título Casa Grande e Senzala.

Deve-se pontuar também o fato de que ele queria mostrar que tudo isso, contribuiu para a formação do que hoje se conhece por povo brasileiro. Para complementar Ricardo Araújo analisa a forma como Gilberto desenhou seu texto para demonstrar as relações sociais daquele momento, e que elas influenciam diretamente no hoje.

Gilberto, como se pode perceber, arma o cenário de uma verdadeira história de conversão: temos uma primeira posição, absolutamente pecaminosa, um neófito, um mestre, a possibilidade de transformação pelo estudo e finalmente a aquisição de uma nova e superior forma de verdade, "o critério de diferenciação fundamental entre raça e cultural [, no qual] assenta todo o plano deste ensaio" (ARAÚJO, 1994, p.28)

Para Araújo a primeira posição era racista, para demonstrar como outras obras que falavam da colonização eram. Mas rompendo com esta posição o autor caracteriza-se como aquele que tenta "recuperar positivamente as contribuições oferecidas pelas diversas culturas negras para a formação da nossa nacionalidade" (ARAÚJO, 1994, p.28). Mas nem por isso devemos deixar de lado as heranças negativas deixadas pelo colonizador, mais antropologicamente o que Gilberto faz são traduções da realidade. A tradução do dominador e do dominado, porém diferente de outros autores ele valoriza os africanos e nativos, bem como suas contribuições ao país.

Em Casa grande e senzala fala-se que a formação da sociedade brasileira se deu depois de um século de contato dos portugueses com a África e a Índia. Sendo que este era um povo que já era formado por outras etnias, então o que chega à "terra desconhecida" não é um povo "puro" etnicamente, ou que nunca teve contato com outros povos. Para os nativos sim, tudo aquilo era novidade, porém não devemos pensar no povo que aqui se encontrava como uma unidade, contrário do que se diz a narração da nação. E é de toda essa mistura, somada aos africanos, que surge a identidade do povo brasileiro. Os Portugueses Contribuíram para uma sociedade com base social de agricultura inserida em uma estrutura escravocrata e híbrida de índios e negros. Contribuirão para que na nova sociedade fosse improvável encontrar alguém com um tipo físico unificado, isto no panorama da época, que era marcado por contradições culturais, religiosas e étnicas.

O texto pondera também sobre a predisposição do colonizador português a adaptar-se ao trópico, outra característica favorável aos portugueses concerne à questão da mobilidade, haja vista que estes se deslocavam pelo mundo conforme as conveniências de momento ou da religião, lembrando a grande influência da Igreja sobre as práticas em geral dos portugueses. "A mobilidade foi um dos segredos da vitória portuguesa; sem ela não se explicaria ter um Portugal quase sem gente (...) conseguindo salpicar virilmente do seu resto de sangue e de cultura populações tão diversas e tão grandes em distância uma das outras." (FREYRE, 2005, p. 70).

A miscibilidade foi outro fator preponderante e vantajoso aos portugueses, pois, segundo as informações encontradas no texto de Gilberto, ninguém como os portugueses se misturou tanto com as mulheres de cor e multiplicou tantos filhos mestiços. Essa violência instintiva compensou assim, a carência de indivíduos para a colonização de vastas áreas. Sobre essa temática é interessante colocar que foi criado por eles à idealização da mulher morena de olhos pretos em um chamado misticismo sexual, primeiramente com as índias e posteriormente com as negras. Isso repercutiu na inveja

da mulher loira contra a de cor, e ainda no ódio religioso contra os denominados infiéis de pele escura. A partir disso, a cor da pele foi ligada à feiura, ao mesmo tempo em que eram as preferidas dos portugueses ao âmbito sexual. A glorificação da beleza da mulata está ainda hoje presente nos ditados brasileiros como o citado no texto de Freyre: "branca para casar, mulata para fuder, negra para trabalhar" (FREYRE, 2005. p.72)

No que diz respeito ao contexto histórico segundo o Freyre a população vivia uma dualidade indecisa no que diz respeito ao monoteísmo religioso de Maomé e Cristo, havia, portanto, um conflito interno por parte dos indivíduos da época não somente no que tange aspectos étnico-religiosos, mas também culturais. Apesar da forma como Gilberto coloca os colonizadores no texto, com as belezas de um herói, na visão da Casa Grande, sua vinda a esta terra trouxe algumas consequências.

HIBRIDISMO: AS RELAÇÕES DURANTE A COLONIZAÇÃO

Entre as várias questões que integravam a realidade da época Casa Grande e Senzala aponta a grande influência africana sob a europeia, ou seja, a Europa reinava, mas não governava, haja vista que os mais diversos âmbitos como a alimentação, a vida sexual, a religião e a vida doméstica foram amplamente atingidos. Apesar do estado de guerra vivido pela Europa e a África, isso não restringiu a atração sexual entre ambos, e muito menos o intercurso de culturas. Saliento ainda que a vitória de um diante do outro lhes daria como recompensa a escravização do rival. Desta forma tem-se o hibridismo como resultado, nem o português constitui-se em sua forma pura no Brasil, nem o africano.

Em concordância com esta ideia Gilberto Freyre fala da questão da miscigenação "quando à miscibilidade, nenhum povo colonizador, dos modernos, exerceu ou sequer igualou nesse ponto aos portugueses. Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços (...)" (FREYRE, 2005, p. 70) Desta forma vai se formando no continente a questão da raça. E sobre isso Sergio Paulo Adolfo fala:

A mestiçagem, o hibridismo esconde as contradições do sistema colonial e suas mazelas, assim como o híbrido, o mulato, o mameluco, é sempre mais branco do que negro, mas branco do que índio. A aproximação se dá com a raça superior, e estou pensando novamente em Freyre, nunca com as inferiores? Ser mulato é mais negro ou mais branco, assim como a herança cultural do mameluco está mais para o índio ou o português? (ADOLFO, 2002. p. 31)

Essa questão do racismo faz parte de nosso presente, a supremacia da raça branca desde aquela época tenta impor-se, num jogo de identidades, na narração da nação e às vezes até em um fortalecimento da identidade local, como nos fala Stuart Hall "o fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas" (HALL, 2006, p. 50).

Mas nesta discussão não podemos deixar de levar em conta que graças a esse hibridismo é que há as raças próprias do Brasil. O "jeitinho brasileiro" vem das modificações dos três povos em questão, da junção de suas culturas. Não se pode esquecer da grande contribuição do negro para a dança e a musicalidade, sem contar com as comidas. E nisto ninguém como o nativo foi tão importante, a alimentação de hoje tem muitos ingredientes indígenas. E português vem também com sua literatura e arquitetura. As religiões nem se discute! Todos juntos desenhando o povo brasileiro. Todos fundaram a nação Brasil, segundo Stuart Hall "nação é uma comunidade simbólica (...) a formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais" (HALL, 2006. p. 30). Mas é claro que com tantas junções não poderia se formar uma unidade de identidade, nem de cultura. Daí tanta variedade, que faz nosso Brasil mais rico e cheio de cores.

DE DESCONHECIDO A BRASIL

Segundo o Romance de Gilberto Freyre, é impossível negar a relevância do clima para a formação e desenvolvimento das sociedades, já que tem efeitos instantâneos sobre os homens, em geral, devido à produtividade da terra, as fontes de nutrição e as suas fontes de exploração econômica. As condições básicas de sobrevivência é fator indispensável para a sua capacidade de trabalho, sendo estas comprometidas durante a navegação a vapor e ainda os processos de preservação e refrigeração dos alimentos, condições desfavoráveis também à prática de lavoura do português, fator este vantajoso ao colonizador inglês dos Estados Unidos.

Em consonância com estas questões colocadas, o ambiente era propício a formas perniciosas de vida animal e vegetal, o que dificultou assim, o trabalho dos portugueses em sua tentativa civilizadora. Dentro destas circunstâncias, os portugueses Dentro destas circunstâncias, os portugueses tiveram que se deslocar a base da colonização da extração de riqueza mineral para o uso da riqueza local, ou seja, utilização e o desenvolvimento de riqueza vegetal, a agricultura, Sesmaria, lavoura escravocrata e o aproveitamento da gente nativa, principalmente a mulher para a

mão de obra e para a formação da família.

Os portugueses venderam tudo que tinham em seu país de origem para irem para os trópicos, tendo como finalidade defender o território e povoar, sendo utilizados como mão de obra primeiramente os índios e posteriormente os negros, já que os índios não estavam habituados a tanto trabalho, pois só tirava da natureza o essencial à vida e não para obter lucro. A colonização portuguesa se firmou sobre uma base rural, embora quisessem comercializar especiarias e pedras preciosas, mas as circunstâncias americanas conduziram os colonizadores ao meio rural que não era muito sua tendência. Eles pensavam que haveria ouro e prata a ser explorado, o que não havia para a frustração deles. Freyre aborda bem as circunstâncias territoriais e características do povo que aqui estava quando os colonizadores chegaram.

Terra e homem estavam em estado bruto. Suas condições de cultura não permitiam aos portugueses vantajoso intercurso comercial que reforçasse ou prolongasse o mantido por eles com o Oriente. Os reis de Cananor não encontraram os descobridores do Brasil com que tratar ou negociar, apenas morubixabas, Bugres, gente quase nua e à toa, dormindo em rede ou no chão, alimentando-se de farinha de mandioca, de fruta do mato, de caça ou peixe comido cru ou depois de assado no borralho. Nas suas mãos não cintilavam pérolas de Cipango nem rubis de Pegu; nem ouro de Sumatra, nem sedas de catarlhesa abrilhantavam os corpos cor de cobre, quando muito enfeitados de penas; os pés em vez de tapetes da Pérsia pisavam a areia pura. Animal doméstico ao seu serviço não possuíam nenhum. Agricultura, umas ralas plantações de mandioca ou mindubi, de um ou outro fruto (FREYRE, 2005, p. 86).

Hoje o Brasil, com sua tropicalidade tem lembranças da época em que foi constituído, através da exploração, foi perdendo o motivo do seu nome, bem como outras espécies de suas florestas. Os Portuguêses trouxeram riquezas e outras coisas:

Costuma dizer-se que a civilização e a sifilização andam juntas. O Brasil, entretanto, parece ter-se sifilizado antes de se haver civilizado. A contaminação da sífilis em massa ocorreria nas senzalas, mas não que o negro já viesse contaminado. Foram os senhores das casas-grandes que contaminaram as negras das senzalas. Por muito tempo dominou no Brasil a crença de que para um sifilítico não há melhor depurativo que uma negrinha virgem. (FREYRE, 2005, p. 110).

Do hibridismo do início, o resultado foram os antagonismos que se foram na nação "a formação brasileira tem sido, na verdade, como já salientamos às primeiras páginas deste ensaio, um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura" (FREYRE, 2005, p.116). Cada região com sua marca própria, dentro de uma só nação vários povos. Isso é o povo brasileiro, variado e cheio de marcas do passado.

Segundo Gilberto Freyre temos uma tradição revolucionária, liberal, demagógica, mas que é aparente e limitada a profilaxia política. Isto porque na verdade o povo ainda está sobre pressão de um governo, que ele compara com o patriotismo dos colonizadores. Esta é uma das marcas que a sociedade carrega, e assim como o racismo nascido naquele tempo deve ser mais uma superação da Senzala. É preciso vencer os preceitos impostos pela Casa Grande.

No capítulo II Gilberto Freyre aborda o título: O indígena na formação da família brasileira, no qual ressalta que a chegada dos europeus à América arruinou toda e estrutura social e econômica antes aqui predominante, desarticulando as bases da sociedade indígena e desfazendo o equilíbrio nas relações do homem com o meio físico. Essa degradação ao contato com os brancos, segundo Gilberto Freyre, é o resultado natural do encontro de uma sociedade de cultura mais avançada com uma de cultura menos avançada.

Gilberto Freyre para analisar a formação da família brasileira, enumera por menor a mente certas influências dos vários povos que contribuíram para a sua formação, destacando a miscigenação racial. Democracia racial, considerou Freyre que predominou no Brasil, para a formação étnica e cultural da sociedade. De forma praticamente harmoniosa para a organização de costumes e hábitos da sociedade patriarcal brasileira, os povos nativos, os portugueses e os negros africanos tiveram grande contribuição. Freyre considera, a casa grande como lugar de excelência da manifestação do caráter brasileiro.

A casa-grande era residência, concebida como modelo feudal de sede administrativa, um lugar de poder. Freyre tenta resgatar as tradições brasileiras, com o intuito de buscar o "tempo perdido", ele nos atenta para os domínios desse poder. De forma profunda ele aborda e analisa os ritos religiosos, culinária, higiene e outros aspectos da história do cotidiano. As influências deixadas pelos povos indígenas à cultura dos caboclos do norte e do nordeste brasileiro.

Ao dissertar sobre os indígenas, Gilberto Freyre é extremamente etnocêntrico e os apresenta como povos atrasados, sem desenvolvimento técnico ou militar, chegando ao ponto de compará-los a crianças sem maturidade como se pode observar: "De modo que não é o encontro de uma cultura exuberante de maturidade com outra já adolescente, que aqui se verifica; a colonização europeia vem surpreender nesta parte da América quase que bandos de crianças grandes; uma cultura verde e incipiente; ainda na primeira dentição; sem os ossos nem o desenvolvimento nem a resistência das gran-

des semi-civilizações americanas."

(FREYRE, 2005, p. 158)

Para Freyre, "[...] não houve da parte dele [o indígena brasileiro] capacidade técnica ou política de reação que excitasse no branco a política do extermínio seguida pelos espanhóis no México e no Peru [...]". (FREYRE, 2005, p. 158). Pelo contrário, o processo de colonização das novas terras se deu, a princípio, com recorrente união entre europeus e indígenas. Essas uniões podem ser interpretadas desde os conhecidos acordos econômicos onde trocavam bugigangas por produtos de origem tropical, principalmente o pau-brasil, até casamentos, lícitos ou não, entre esses indivíduos. Sobre essa tendência à mistura, o autor afirma:

Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constituiu mais harmoniosamente quanto às relações de raça: dentro de um ambiente de quase reciprocidade cultural que resultou no máximo de aproveitamento dos valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado; no máximo de contemporização da cultura adventícia com a nativa, a do conquistador com a do conquistado. Organizou-se uma sociedade cristã na superestrutura, com a mulher indígena, recém-batizada, por esposa e mãe de família; e servindo-se em sua economia e vida doméstica de muitas das tradições, experiências e utensílios da gente autóctone. (FREYRE, 2005, p. 160)

Esse trecho explicita a ideia de democracia racial comentada anteriormente. Mas, ao mesmo tempo em que reconhece a influência da cultura indígena, o faz sob a visão do colonizador. A cultura nativa foi absorvida pela dominante, preservando alguns traços domésticos de suas manifestações. E é sobre essas manifestações cotidianas e principalmente caseiras onde Freyre aponta tais influências. Destaca, assim, o papel da mulher índia na preservação desses hábitos.

O PAPEL DA ÍNDIA NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

A mulher servia para a geração e formação de família. Através da mulher, enriqueceu-se a vida no Brasil, série de alimentos ainda hoje em uso, drogas e remédios caseiros, tradições ligadas ao desenvolvimento da criança, utensílios de cozinha, de higiene, banho frequente, rede, etc. A índia era vista como a Moura Encantada dos sonhos dos portugueses, foi objeto do desejo português. Andavam sempre nuas e se ofereciam aos portugueses recém-chegados, pois em muitas tribos os portugueses eram vistos quase como deuses, e essa seria a natural obrigação das índias. Segundo Freyre as índias supriram o grande problema da colonização: a falta de mulheres brancas. Assim, a mulher índia será à base da família brasileira: "A mulher gentia temos que considerá-la não só a base física da família brasileira, aquela em que se apoiou, robustecendo-se e multiplicando-se, a energia de reduzido número de povoadores europeus, mas valioso elemento de cultura, pelo menos material, na formação brasileira" (FREYRE, 2005, p.162).

Da união do colonizador com a mulher índia foi que surgiu o caboclo, o primeiro ser com características que viriam a ser uma representação do brasileiro nortista. Por conta de seu papel, Gilberto Freyre afirma que: "Da cunhã é que nos veio o melhor da cultura indígena. O asseio pessoal. A higiene do corpo. O milho. O caju. O mingau. O brasileiro de hoje, amante do banho e sempre de pente e espelhinho no bolso, o cabelo brilhante de loção ou óleo de coco, reflete a influência de tão remotas avós". (FREYRE, 2005, p. 163)

O PAPEL DO ÍNDIO NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

O trabalho agrícola em uma aldeia indígena era, geralmente, realizado por mulheres, enquanto os homens eram responsáveis pela caça. Os índios viviam de forma sedentária. O invasor pouco numeroso foi desde logo contemporizando o elemento nativo, servindo-se do homem para as necessidades de trabalho e principalmente de guerra. Os índios foram muito importantes nas bandeiras e na defesa do território nacional de embarcações piratas, por exemplo. Conheciam o território como ninguém, viabilizando assim a exploração nacional. Enquanto a contribuição do índio para a agricultura foi insignificante, pois possuía inaptidão ao trabalho agrícola, por serem nômades. Causando assim a sua substituição pelo africano.

O autor também busca identificar nos hábitos das populações caboclas do norte e do nordeste do Brasil as reminiscências das antigas tradições indígenas. Ele minimiza a influência do homem indígena na formação da sociedade brasileira. Para ele, sua contribuição "[...] foi formidável: mas só na obra de devastação e de conquista dos sertões, de que ele o guia, o canoeiro, o guerreiro, o caçador e pescador [...]" (FREYRE, 2005, p. 163).

ALGUNS TRAÇOS DA CULTURA INDÍGENA

Entre outras características apresentadas de influência indígena no povo brasileiro está o totemismo e possíveis superstições como o uso de amuletos da sorte. Como exemplo de tal afirmação, Freyre destaca o uso predominante da cor vermelha entre os povos do norte do Brasil. Na cultura indígena, pintar o corpo de vermelho protegia contra os maus espíritos.

Chegava-se inclusive a pintar os recém-nascidos com fins profiláticos, uma vez

que se acreditava que as doenças eram causadas por espíritos maus.

Pode-se citar também o uso de plantas medicinais como herança dos costumes indígenas para o tratamento de doenças. Limitou a influência, talvez, desse conhecimento profilático a relação estabelecida pelos padres e os curandeiros e pajés, adotando os primeiros uma política de intenso combate às figuras destes últimos.

Ainda quanto ao aspecto da miscigenação, o indígena é apresentado como um ser propenso a uniões exogâmicas, devido ser, de modo geral, também poligâmico. Por um lado, essa característica ajudou na difusão da colonização, uma vez que muitos colonos se uniram às índias. Para tanto, considere-se que, na maioria das vezes, era essa a única opção aos europeus. Por outro lado, a poligamia foi uma das características culturais mais combatidas pelos padres da Companhia de Jesus no Brasil.

A SEXUALIDADE DOS ÍNDIOS

A poligamia era comum entre os índios, que achavam natural essas relações, pelas quais os conquistadores portugueses não estavam acostumados, e se viram vislumbrados. Sob o aspecto da influência dos jesuítas no processo de integração/absorção/destruição da cultura indígena, podemos citar o esforço tremendo que os padres da Companhia fizeram para acabar com essa prática, também com a predominância de relações incestuosas, como retro citado, a insistência ao uso de roupas, e principalmente, o fim das práticas totêmicas e fetichistas. Os jesuítas tentaram, pois, inculcar hábitos e vestimentas europeus aos indígenas:

O vestuário imposto aos indígenas pelos missionários europeus vem afetar neles noções tradicionais de moral e higiene, difíceis de substituírem por novas. É assim que se observa a tendência, e muitos dos indivíduos de tribos acostumadas à nudez, para só se desfazerem da roupa europeia quando esta só falta largar de podre ou de suja Entretanto, são povos de um asseio corporal e até de uma moral sexual às vezes superior à daqueles que o pudor cristão faz cobrirem-se de pesadas vestes.

(FREYRE, 2005, p. 180-181).

Mas para os hábitos serem adquiridos surge um novo protagonista para vigiar se os novos hábitos estavam sendo executados.

A IMPORTÂNCIA DOS CURUMINS

Para essa transformação se tornar realidade, fez-se necessária uma prática efetiva de controle e vigilância. Para tanto, utilizou-se a figura dos pequenos índios, os curumins, para levar os costumes ensinados pelos padres para dentro das habitações indígenas. Assim, além da mulher, o pequeno índio também teve papel preponderante no processo de "civilização" do gentio.

Desses curumins, Freyre destaca a reminiscência dos jogos, das brincadeiras e das lendas. Dos medos de espíritos e bichos da floresta. Dessas lendas, destacam-se algumas como o curupira ou a caipora, bicho papão, etc., como se pode observar:

Outros traços de vida elementar, primitiva, subsistem na cultura brasileira. Além do medo, que já mencionamos, de bicho e de monstro, outros pavores, igualmente elementares, comum ao brasileiro, principalmente à criança, indicam estarmos próximos da floresta tropical como, talvez, nenhum povo moderno civilizado. (...) O brasileiro é por excelência o povo da crença no sobrenatural: em tudo o que nos rodeia sentimos o toque de influências estranhas; de vez em quando os jornais revelam casos de aparições, mal-assombrados, encantamentos. Daí o sucesso em nosso meio do alto e baixo espiritismo. (FREYRE, 2005, p. 212).

IMPERIALISMO PORTUGUÊS X COMUNISMO INDÍGENA

A relação dos portugueses com os índios no Brasil foi o que podemos chamar de mais branda do que o ocorrido nas colônias espanholas. Isso mais pela necessidade portuguesa de povoar o país e utilizá-los como escravos em plantações, onde a exploração do trabalho se diferenciava da exploração para o extrativismo preferido na colonização espanhol. O extermínio dos índios não se deu de forma tão brutal quanto o extermínio à espanhola. Ficou escondido na reviravolta cultural que sofreram os índios no Brasil. Seja pelas mãos dos senhores de engenho, ou pelos jesuítas, seus costumes foram sendo reduzidos, batiam de frente com os costumes europeus que tentava se implantar aqui, acarretando no extermínio da população e da cultura indígena. Era o choque do imperialismo português com o comunismo indígena.

OS JESUÍTAS

Os jesuítas foram os que melhor conseguiram estabelecer relações com os índios nessa época. Essas relações eram dificultadas pelo enorme número de tribos, costumes e idiomas presentes no Brasil naquela época. Para facilitar a comunicação o tupi-guarani foi o artifício utilizado para a unificação da identidade indígena pelos jesuítas.

A cultura indígena era muito rica. A parte religiosa dessa cultura era cheia de magia e ritos, que muitas vezes os padres não aceitavam e proibiam-nos. Mesmo quando catequizados, os índios não perderam alguns

de seus traços fundamentais. É o caso da relação de íntima religiosidade entre as pessoas e os santos. No folclore, muitas lendas indígenas persistem. A humanificação de animais, os cruzamentos entre estes, gerariam seres dotados de poderes extras que povoam as lendas animalistas indígenas. Entre os ritos, podemos incluir a passagem para a vida adulta, realizada no início da puberdade.

Com os portugueses vieram também às doenças. A mortalidade infantil cresceu vertiginosamente. A sífilis também. A higiene do índio também foi drasticamente reduzida, ou pelo menos convertida a padrões ultramarinos. Persiste até hoje o conhecimento médico indígena, dos chazinhos e das ervas milagrosas, chegando a ser considerado superior ao dos médicos lusos e dominadores da ciência. Foram várias as contribuições indígenas na cultura e colonização brasileira. Dentre elas podemos destacar a higiene e a dieta indígena, com peixes e frutas, que persistem até hoje.

Foram identificados vários críticos da obra de Freire entre eles Alfredo César Melo que em seu artigo "Saudosismo e crítica social em Casa grande & senzala: a articulação de uma política da memória e de uma utopia" diz que fazer uma revisão pragmática de Casa grande e Senzala é essencial para reformular termos polêmicos como "democracia racial", de modo que eles possam ter um novo entendimento, portanto:

Entender a democracia racial como uma representação do estado atual das relações sociais e raciais do Brasil seria encobrir todos os problemas que o racismo traz. No entanto, pensar a democracia racial como uma meta a ser alcançada poderia ter um efeito benéfico no combate ao racismo. A questão temporal aqui faz toda a diferença entre ideologia e utopia. Dizer que nossa sociedade não é racista hoje seria falsear uma realidade. Desejar que num futuro próximo a etnia não seja levada em conta é uma maneira de se engajar na luta contra uma realidade abjeta. A ideologia desmobiliza a crítica, enquanto a utopia fornece um foco para o combate ao racismo.

Guilhermo Giucci, em seu artigo "Especial Gilberto Freyre 110 anos - dando o que falar" diz que a primeira impressão sobre Casa-Grande & Senzala é a transgressão e que o movimento do autor em assuntos inteiramente novos, com documentação prodigiosa, seria apenas parte dessa ruptura. Giucci apresenta alguns críticos da obra Casa grande e senzala como o crítico carioca Agripino Grieco que assinalou a resenha, em 1934, que se tratava de História do Brasil. Agripino Grieco comenta que o livro dá a impressão de ter sido escrito às pressas, com repetições, pequenas incoerências, as erratas, a falta de índice de nomes e de assuntos. Mas destaca a excelente formação intelectual de Freyre e o lugar da experiência pessoal dele na construção do livro.

Guilhermo apresenta ainda o crítico Miguel Reale diz que as menções à linguagem de Casa-Grande & Senzala chamam particularmente a atenção, pois nas resenhas, admite-se que a linguagem "oral" e "vulgar" pode ser usada em obras de ficção, mas não em obras científicas. Diz ainda que os reparos à crueza de alguns termos, ao caráter pouco técnico, têm a ver com a superação de um sistema que distingue radicalmente ciência de ficção e que curiosamente, é no híbrido de literatura e sociologia, no humor e no prazer da leitura, que se encontra parte da riqueza da obra.

Assim, conclui que a obra Freyre apresenta pontos superados sobre o aspecto da miscigenação, merece ainda total respeito dos leitores leigos e críticos, uma vez que inova ao abordar o cotidiano numa análise histórico-antropológica e ao observar, pela primeira vez no Brasil, a miscigenação como um aspecto positivo da sociedade brasileira, embora se deva resguardar sob quais condições necessárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a história de nossos antepassados é algo de extrema importância devido o fato de atualmente muitos não saberem quais são suas origens, Casa-grande e Senzala foi publicada em um momento oportuno, pois, aguçou o desejo de muitos na época conhecerem a história de nosso País, o negro, o branco, o índio conviveram tão próximos, que foi impossível não se misturar, originando nos diferentes de qualquer outra nação. Apesar de ser bem claro que infelizmente esses três povos não puderam conviver de forma igualitária, tivemos conflitos, disputas, resistências e até muitas mortes, os escravos negros oriundos da África que tanto contribuíram em nossa cultura, religião e vida social, segundo Freyre essa miscigenação foi de grande importância para nossa formação como nação.

Gilberto Freyre, ao se fazer a pergunta quem é o povo brasileiro, conclui que seria impossível responder olhando somente para o presente, voltou ao ponto principal, à origem, onde tudo começou, pode perceber as particularidades de cada etnia, como viviam, como se socializavam, as relações sociais existentes. Contou nossa história de uma forma não heroica, visando não engrandecer feitos heroicos de poucos, mas, através de acontecimentos diários, do cotidiano do branco, negro e índio, fortalece a visão já conhecida pela maioria da população, de uma escala de poder existente na época, que até hoje trazemos as marcas de uma dominação oriunda não somente da casa grande, mais que vem sendo fortalecida há séculos por pessoas

que detém o poder, realmente no nosso ponto de vista muita coisa não mudou, foram repaginadas no Brasil, com processo de dominação, trazemos conosco hoje as marcas históricas e culturais de um povo forte, que ainda luta por direitos iguais, que acredita que poderemos conviver respeitosamente independente de sermos descendentes de negro, índio ou branco.

REFERÊNCIAS

ADOLFO, Sergio Paulo. Existe o mundo que o português criou? In: Terra roxa e outras terras - Revista de Estudos Literários. v. 1, 2002, p. 24-31. ISSN 1678-2054 Disponível em: http:/ / www.uel.br/ cch/ pos/ letras/ terraroxa. Acesso em: 27 de Jun de 2015

ARAUJO, Ricardo Benzaquen. Guerra e paz : Casa-Grande & Senzala e a obra Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

FREYRE, Gilberto. Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 50. ed. revista. São Paulo: Global, 2005.

GIUCCI, Guilermo. Especial Gilberto Freyre 110 anos- Dando o que falar. Disponível em: http://www.revistadehistoria.com.br. Acesso em: 27 de Jun de 2015

HALL, Stuart. Identidades Culturais na Pós-Modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MELO, Alfredo César. Saudosismo e crítica social em Casa grande & senzala: a articulação de uma política da memória e de uma utopia. v. 23, n. 67. São Paulo: vozes do nordeste, 2009. Disponível em: http:// www.scielo.br/scielo.php. Acesso em: 27 de jun de 2015.